



Associação Conquistas da Revolução

Nº 26 | ABRIL 2020

Folha Informativa

www.conquistasdarevolucao.blogspot.com



EDITORIAL

Estamos atentos e firmes

A situação é nova, perversa e desafiadora. Melhor se percebem agora os contornos do vírus desconhecido que afinal não o era tanto.

Capitalismo de crise em crise, de agressão cada vez mais violenta, a napalm noutras guerras, por exemplo no Vietnam. Agora é mais sofisticado. Ainda não se percebe bem como as torres gémeas colapsaram totalmente para dentro. Se um avião bater no sexto ou no décimo andar, qualquer um, esse arde, os mais próximos são atingidos, mas tudo ficaria confinado, com a intervenção poderosa dos bombeiros e das forças da ordem lá da América. Nada seria um castelo de cartas, em autofagia minada.

Agora, um vírus que foi descoberto, ou transformado, com a preparação em simultâneo do que poderia vir a ser uma vacina, um tratamento, terá servido para este ataque global? São muitos já os estudos, os testemunhos, as declarações políticas bem medidas

pág.02 →

04| Centenário do Nascimento do General Vasco Gonçalves.

06| Nem “apeadeiros” nem becos sem saída. Um aeroporto com futuro.

08| Tempos de Combate. Tempos de Reflexão!

10| A 2ª Guerra Mundial acabou há 75 anos.

12| 46º Aniversário 25 de Abril

e fundamentadas, em cada dia que passa. Enquanto uma grande potência (EUA) estava preocupada em adquirir para uso próprio uma empresa que estudava uma vacina na Alemanha, em contraponto, uma outra grande potência (China) preocupou-se em apoiar países e povos em dificuldades com o surto epidémico, um país heróico como Cuba destaca equipas médicas e equipamentos para fora das suas fronteiras e para vários países, e a Rússia envia também equipamentos e pessoas especializadas para combater o vírus em Itália.

Certo, certo, é que o imperialismo irá até onde puder, enquanto puder e o ajudarem os rapazes e raparigas da “Europa com eles” e do resto do mundo dócil e amoraçado. Para nós, a atitude só poderá ser uma: ter coragem e determinação, exigir o reforço do SNS para combater o vírus e defender os direitos dos trabalhadores e do povo. Não ir atrás do “vírus” do medo que o inimigo quer implantar e saudarmos e festejarmos o 25 de Abril, o 46º aniversário da Revolução que os militares coerentes, os trabalhadores

organizados e o povo quiseram, bem como festejaremos e saudaremos o 1º de Maio.

Para o ano, festejaremos o 47º aniversário de Abril e em 2022 ultrapassaremos o tempo dos 48 anos do fascismo que derrubámos em 1974. Até lá, e depois, continuaremos a lutar organizados, em todas as frentes e nesta Associação das Conquistas da Revolução que trabalha para erguer as comemorações do centenário do nascimento do General Vasco Gonçalves. Homem maior e inesquecível nas nossas vidas, na vida dos trabalhadores, dos homens e mulheres explorados, dos mais pobres, que ascenderam a um salário mínimo que não tinham, à liberdade e à afirmação plena.

Vencemos os vírus da CIA e de Carlucci (e de outros), que queriam matar a Revolução de Abril e mataram e danificaram pessoas e sonhos. Venceremos o vírus de agora, combatendo pelos direitos de quem trabalha e quer ser feliz, em liberdade e em democracia que seja justa e transformadora.

Modesto Navarro

Vice-Presidente da Direção da ACR

PAGUE A SUA QUOTA!

**O vosso contributo financeiro
é indispensável para a actividade
da Associação!**

TRANSFERÊNCIA BANCÁRIA

NIB 0035 2178 0002 9245 6304 6

ou DEPÓSITO

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
2178029245630

José Baptista Alves
Presidente da Direcção da ACR



Caros Associados e amigos

Estamos a viver tempos difíceis mas, fazendo minhas as palavras do nosso Presidente da Mesa da Assembleia Geral, muitos de nós já vivemos situações bem difíceis e delas soubemos sair mais fortes para continuar a luta por um futuro melhor. Nós acreditamos nos profissionais de saúde, no Serviço Nacional de Saúde- uma das conquistas de Abril - que apesar das restrições, ataques e omissões de que tem sido alvo, está a demonstrar à sociedade ser a grande força organizada com que o país pode contar, como linha da frente, para travar esta terrível pandemia. Acreditamos nas pessoas, nas pessoas que trabalham nos campos, nas fábricas e nos serviços, garantindo e defendendo a nossa sobrevivência.

Acreditamos na solidariedade, no respeito pelo outro, no civismo demonstrado no dia-a-dia pelos cidadãos deste país.

Todos, havemos de vencer este medonho inimigo.

Mas é preciso não desarmar: Há que travar todos os oportunismos - em que os grandes predadores nacionais e internacionais, e os seus lacaios são exímios- para se lançarem ao ataque dos nossos direitos e há que tirar todas as lições que este doloroso período nos proporciona e rumar a uma sociedade mais justa e mais fraterna, com serviços públicos de qualidade que garantam a todos, sem excepção, o acesso a bens e serviços essenciais à vida.

Em suma: Há que cumprir Abril.



Associação Conquistas da Revolução

www.conquistasdarevolucao.blogspot.com

Sugere-se a visita ao blogue e site da ACR onde são publicados todos os comunicados e noticiadas as iniciativas da Associação.

www.conquistasdarevolucao.pt

Centenário do Nascimento do General Vasco Gonçalves

A ACR, propõe-se comemorar condignamente o centenário do nascimento do General Vasco Gonçalves, durante o ano de 2021. Nesse sentido, estamos a constituir uma Comissão de Honra, encabeçada pelos familiares mais próximos e na qual se integrarão personalidades que com ele conviveram, em particular os militares que com ele conspiraram nas estruturas do MFA, personalidades que integraram os II,III,IV e V Governos Provisórios e muitos daqueles que a seu lado, de Norte a Sul do país, participaram no processo revolucionário e a seu lado permaneceram sempre.

Estamos também a convidar a associarem-se a nós, autarquias, sindicatos e associações culturais e recreativas que connosco têm colaborado na defesa das conquistas da revolução, irmanados no sentimento profundo de que a essência verdadeiramente democrática da nossa vivência colectiva, nasce do processo revolucionário iniciado em 25 de Abril de 1974, indelevelmente marcado pela figura ímpar de Vasco Gonçalves, Primeiro Ministro de 4 dos 6 Governos provisórios. Queremos lembrar o Homem, o Militar de Abril, o Revolucionário, "o Companheiro Vasco" e queremos mostrar às novas

gerações o quanto todos devemos à coragem, determinação e sabedoria deste nome maior da nossa história contemporânea. Recordemos agora o que escreveu o Professor Avelãs Nunes, à data Presidente da Mesa da Assembleia Geral da nossa ACR, em texto publicado no nosso livro "Vasco, nome de Abril":

"Contra a sua maneira de ser e contra as suas ideias sobre o trabalho revolucionário, Vasco Gonçalves tornou-se o símbolo da Aliança Povo-MFA, o rosto da Revolução, um verdadeiro mito. E no entanto ele nunca quis destacar-se entre os seus camaradas do MFA, tendo recusado ser "presidente" da Comissão Coordenadora. "Ele nunca quis ser o senhor da Revolução" como escreveu Pinto Soares."

Alguns dados biográficos:

Vasco dos Santos Gonçalves nasce a 3 de Maio de 1921 no bairro da Graça, na Rua Capitão Humberto Athaide. Em 1931 entra para o Liceu Luís de Camões. Em 1939 matricula-se na Faculdade de Ciências de Lisboa.

Em 1942 entra para a Escola do Exército. Em 1947 faz o tirocínio na Escola Prática de Engenharia e é promovido a alferes.

Nos anos que se seguem desempenha



diversas funções e assume diversos cargos dentro da estrutura militar: Nos Açores (1949) Índia (1955-57), Moçambique (1965-67), Cabo Verde (1969) e Angola (1970-1972).

Em 1973 é convidado a aderir ao Movimento dos Capitães pelos então capitães Pinto Soares e Rogério Afonso.

Tornou-se então o militar mais graduado do Movimento, tendo integrado a Comissão de Redacção do Programa do Movimento e participado nas negociações com António de Spínola.

De 17 de Julho de 1974 a 19 de Setembro de 1975, foi Primeiro Ministro de Portugal, no período mais criativo da Revolução iniciada em 25 de Abril de 1974.

Afasta-se da vida política mas não cessa a sua actividade cívica e militância por Abril, até à sua morte, no Algarve, em 11 de Junho de 2005.

PROGRAMA DAS COMEMORAÇÕES

1. Sessão comemorativa do centenário do nascimento do General Vasco Gonçalves, em 3 de Maio de 2020, na Sede da ACR;
2. Sessão pública comemorativa do centenário no Porto, no dia 3 de Maio;
3. Sessão pública comemorativa do centenário, em 8 de Maio de 2021 em Lisboa;
4. Edição de Fotobiografia;
5. Cartaz e imagem gráfica;
6. Medalha comemorativa e pin, editados pelo Núcleo ACR do Porto;
7. Edição de brochura “Quem foi Vasco Gonçalves”, eventualmente publicação de um texto seu inédito. E reedição do discurso de Vasco Gonçalves no Porto aquando do 30º Aniversário do 25 de Abril, pelo núcleo do Norte;
8. Colocação de placa identificadora na casa onde nasceu Vasco Gonçalves;
9. Edição de uma fotobiografia, elaborada em colaboração com a família e amigos. do General.

Nem “apeadeiros” nem becos sem saída. Um aeroporto com futuro.

O futuro da cidade de Lisboa, da Área Metropolitana e do País, no meio de tantas incertezas e desafios (ou mais ainda por causa deles), não dispensa uma estratégia de desenvolvimento, de investimento, de modernização das infraestruturas – e nomeadamente da infraestrutura aeroportuária.

O Governo PSD/CDS cedeu a concessão dos aeroportos nacionais por 50 anos à multinacional VINCI com a privatização da ANA Aeroportos em 2011/2012. O que essa multinacional pretende, com a cumplicidade do atual Governo PS, é impor a opção desastrosa de aumentar ainda mais a intensidade da utilização e da pressão sobre a Cidade de Lisboa e os concelhos limítrofes (com destaque para Loures), a par da construção de uma espécie de “apeadeiro” na Base Aérea Nº 6 no Montijo. Para cumprir os “desígnios” da multinacional, parece que vale tudo.

Vale abdicar ao longo das próximas décadas das receitas aeroportuárias – que aumentaram consideravelmente desde a privatização da ANA.

Vale desistir da construção de um novo

aeroporto internacional que garanta o desenvolvimento futuro do País, e prolongar por todo o século XXI a pressão de um aeroporto em plena cidade de Lisboa.

Vale infernizar a vida das populações, designadamente dos concelhos da Península de Setúbal, quando isso seria evitável, com riscos ambientais e para a segurança aeronáutica que seriam desnecessários.

Vale, ainda, dismantelar uma das mais importantes bases aéreas do nosso país e obrigar a FAP a reconfigurar a sua presença no território (incluindo, por exemplo, o reposicionamento de uma esquadra de helicópteros – a 751 – para uma localização mais afastada da costa oceânica, onde tantas vezes alguns minutos fazem a diferença em operações de busca e salvamento).

E até vale alterar uma lei que o próprio PS aprovou, passando por cima das competências do Poder Local e fazendo uma inaceitável chantagem sobre as autarquias e a própria Assembleia da República.

É imprescindível que o País não só não aceite como não ceda a essa chantagem.



Só quem está (ou admite colocar-se) refém dos interesses do grande capital, desprezando as necessidades do País é que pode considerar tal cenário.

Ao contrário do que foi apontado pelo coro habitual do pensamento dominante, não é a Lei que bloqueia o desenvolvimento do País e a construção de um futuro aeroporto internacional: é o Governo PS e a política de direita que ao longo de décadas tem sido imposta por PS, PSD e CDS.

Um aeroporto internacional na zona do atual Campo de Tiro de Alcochete não poderá deixar de ser uma realidade no futuro. É essa a opção que permitirá servir as necessidades do País, e desde logo conduzir o processo de transição da operação aeroportuária nesta região, numa construção faseada, numa solução de futuro. Foi a essa conclusão que os diversos estudos realizados ao longo dos

anos chegaram. O que importa saber é se o Governo PS, juntamente com o PSD e o CDS, optam por adiar essa exigência, beneficiando a Vinci.

Esse é um erro estratégico de extrema gravidade, que pode e tem de ser evitado. É crucial tomar medidas para o prevenir e evitar. Defender a recuperação do controlo público dos aeroportos nacionais (e também da TAP), defender a mobilização das receitas aeroportuárias para a construção de um novo aeroporto internacional digno desse nome, defender o desenvolvimento e a soberania.

Bruno Dias

Deputado do PCP na Assembleia da República

Tempos de Combate. Tempos de Reflexão!

Estamos a viver uma realidade única e um tempo em que todos somos chamados à “trincheira do combate” contra um inimigo invisível. Não é este certamente o tempo para recriminações. Este é o tempo para a solidariedade e para a consciência cidadã. Este é o tempo de, com serena firmeza, enfrentar a dificuldade.

Mas, passada a dificuldade - porque vai passar - será então o tempo de, com a mesma consciência cidadã, com serenidade, seriedade e sem preconceitos, fazer balanços e reflectir sobre os erros, as omissões, mas sobretudo sobre as acções que nos conduziram a um sem número de dificuldades.

Será tempo de, relativamente às Forças Armadas, sem bravatas, sem narcisismos, sem oportunismos estratégicos, os responsáveis falarem verdade aos cidadãos portugueses e então explicarem, entre muitas outras coisas, qual o critério, ou critérios, que presidiram à decisão de fixar o número de militares entre 30.000 e 32.000. Porque não 10.000? Porque não 100.000? Qual foi a racionalidade? Que estudo, ou estudos, determinaram



a fixação dos números de militares nos respectivos ramos, postos, armas e serviços, classes ou especialidades? Que intenções presidiram (ou quem exigiu) de fora e de dentro das Forças Armadas, à imposição de medidas que permitiram chegar à descaracterização da Instituição Militar, com a situação anormal da completa inversão da suposta pirâmide hierárquica, numa realidade de haver mais Oficiais e Sargentos do que Praças?

Será tempo de questionar a razão, ou razões, que levaram sucessivos governos a desprezar as necessidades evidentes das Forças Armadas, naquilo que é o seu

bem mais precioso e valioso, o Factor Humano. Surdos aos alertas daqueles que no terreno sentiam e vivenciavam diariamente as dificuldades, sucessivos governos não foram sensíveis a tais alertas e prosseguiram na senda de produzir legislação lesiva da Condição Militar, levando a que houvesse militares que, de uma forma leal e frontal, afirmassem que se recusariam a fazer parte da “comissão liquidatária das Forças Armadas”!

Será tempo para perceber que o melhor mecanismo para promover a atractividade pelas Forças Armadas é tratar bem aqueles que, com denodo e elevado profissionalismo, servem, ou serviram nas Forças Armadas. E isto passa principalmente pelo integral respeito pelas leis em vigor. Mas passa também pelo respeito pelas inúmeras directivas que, embora assinadas e ratificadas pelos representantes portugueses nas instituições europeias, não são implementadas quando se transpõem as fronteiras para dentro do território nacional. Não se pode ser “modernação” nas instâncias europeias e retrógrado no espaço nacional.

Será então, desejavelmente, o tempo de perceber e aceitar que o associativismo militar tem um papel fundamental na defesa dos direitos socioprofissionais de TODOS os militares, sem que isso signifique qualquer interferência com a hierarquia, com a cadeia de comando ou com a operacionalidade das Forças Armadas.

Será então o tempo de perceber que a capacidade de representação jurídica dos associados, bem como o diálogo social e a capacidade de negociação colectiva com vínculos, não podem ser só uma realidade entre os militares, “lá fora”, nos países ditos “mais evoluídos”!

Será o tempo de perceber que a “trincheira do combate” que em tempo de dificuldade todos somos chamados a guarnecer, deverá ser também a “trincheira do combate” que, em tempo de paz, temos de guarnecer na defesa dos direitos socioprofissionais dos cidadãos militares!

António Lima Coelho
Sargento-Mor

A 2ª Guerra Mundial acabou há 75 anos

Em Abril deste ano, perfazem três quartos de século sobre o termo da II Grande Guerra que assolou a Europa entre 1939 e 1945.

Esse conflito que dizimou algumas dezenas de milhões de europeus, na sua grande maioria civis, vítimas de bombardeamentos aéreos - realizados por ambos os lados em conflito -, execuções de prisioneiros que foram verdadeiros assassinatos colectivos realizados pelas hordas nazis na ocupação dos territórios que iam invadindo, deixou uma grande parte do continente Europeu desgastada e em ruínas. Hoje, apenas raros sobreviventes podem contar as histórias das suas vidas e os sofrimentos por que passaram, quer tenham sido militares ou civis. Infelizmente nem a sociedade nem os seus governantes, têm dado o merecido relevo nem têm tido a preocupação de informar as gerações actuais dos perigos dum possível novo conflito. Hoje, em caso de guerra não haverá desfiles militares nem avisos de ataques aéreos que permitam a fuga para os abrigos. Hoje, os cidadãos de um qualquer país, num qualquer continente, só tomarão conhecimento dum conflito quando alguns milhões de inocentes - sobretudo cidadãos - estiverem

calcinados pelas deflagrações de armas nucleares sobre as suas cidades.

Claro que as dezenas de responsáveis que provocaram ou iniciaram as hostilidades tentarão, enquanto conseguirem, e lhes permitirem, manter-se nos seus abrigos a algumas dezenas de metros no sub-solo e fugirem aos terríveis e devastadores efeitos que provocaram directamente ou em retaliação aos seus actos ofensivos.

Penso que a comemoração desta data deve passar sobretudo e imperiosamente pela divulgação do terror da guerra passada e a informação constante nas escolas, universidades e locais de trabalho. Pelo esclarecimento das novas gerações dos perigos que correm - que poderá ser até a aniquilação total. Só o esclarecimento e compreensão do perigo real que já se corre no presente poderá ser o antídoto que não permita a ascensão de novos "Hitleres" ou "Mussolinis" ao poder por via eleitoral, venham embora vestidos de nova "roupagem propagandística" e discursos neo-liberais. A capacidade de criar falsos incidentes e/ou graves provocações que possam por si justificar uma agressão de grande intensidade - e início dum conflito entre países - já foi demonstrada recentemente.



Há uns anos um assassinato dum alvo importante exigia a proximidade para um tiro ou deflagração dum explosivo e normalmente o mandante escondia-se no anonimato. Hoje, matam com a mesma precisão à distancia de vários milhares de quilómetros, com a segurança total para o assassino e o seu mandante, que muitas vezes é um governante que descaradamente admite ter dado a ordem, pela impunidade que lhe é conferida pelos seus pares e até por governantes de outros países. Verifica-se uma corrida generalizada das grandes potências ao equipamento militar, cada vez mais mortífero, mais veloz e mais sofisticado, com dispêndio de importâncias que embora sejam mantidas secretas, calculamos facilmente que aplicadas numa perspectiva pacífica resolveriam rapidamente muitas das faltas e deficiências que as sociedades menos desenvolvidas têm no campo alimentar, fornecimento de água e assistência sanitária. Criam-se arsenais “enterrados” de ogivas nucleares pertencentes aos Estados Unidos, em países da Europa, sempre na perspectiva de uma ofensiva puramente militar entre os grandes blocos e ao mesmo tempo proclama-se com a maior desfaçatez que

é preciso acabar com as centrais nucleares na Europa, que todos sabemos produzem energia muito mais barata e com menos poluição do que as centrais que queimam combustíveis fósseis. E tudo isto se passa, com a colaboração e total anuência dos governos Europeus, democraticamente eleitos... Cada vez mais, se torna necessário informar o vulgar cidadão e alertar para o perigo que qualquer confronto, mesmo que naturalmente não desejado pelos povos Europeus, irá arrastar este pequeno continente, onde muitos nasceram e muitos mais vivem presentemente, que será uma das maiores vítimas, uma vez mais, tal como na 2ª Guerra Mundial.

Manuel Marques Pinto
Dirigente da ACR

46.^o
aniversário **cumprir**
25 Abril

Às 3h da tarde
vamos cantar
a Grândola e o
Hino Nacional nas
nossas janelas!

Comemorações Populares 2020

Apelo à participação . excertos

Fazemos esta evocação num momento de enorme crise, de guerra global com um inimigo invisível e traiçoeiro. Nesta guerra sem quartel, os portugueses têm tido, de uma maneira geral, um comportamento solidário e unido que, estamos convictos, é resultado direto, acima de tudo, das transformações que coletivamente fizemos na nossa sociedade, renovada com o 25 de Abril.

Neste momento, em que enfrentamos tão difícil crise, reafirmamos que para cumprir Abril se impõe continuar a lutar para acabar com múltiplas discriminações e injustiças sociais, ainda existentes, e que a pobreza, a desigualdade de género, a xenofobia e o racismo têm de ser combatidos e expurgados da nossa sociedade!

Para cumprir Abril é preciso impedir que sejam os trabalhadores e as pessoas mais vulneráveis a serem as principais vítimas das nefastas consequências económicas e sociais da crise provocada pela pandemia da

COVID19 e, depois desta crise, é preciso continuar a combater políticas de retrocesso como a precarização das relações de trabalho e o aumento da exploração dos trabalhadores, a manutenção dos baixos salários, o ataque aos serviços públicos e às funções sociais do Estado que devem ser garantidos de forma universal, não deixando de defender o interesse nacional na política externa.

Para cumprir Abril, temos de ultrapassar as dificuldades do momento que vivemos não recuando na reposição e aumento de rendimentos e salários, na estabilidade laboral, no reforço dos serviços públicos, na garantia do direito à educação e à saúde, na garantia do acesso à fruição e criação cultural, nos direitos das famílias.

A todos os que estiverem em casa, provavelmente a maioria, que venham às janelas ou às varandas às 15h e cantem a “Grândola, Vila Morena” e o Hino Nacional.

A Comissão Promotora



Associação Conquistas da Revolução

Edição: Associação Conquistas da Revolução
Coordenação: Modesto Navarro Design: Ana Neves

E-mail: acr.secretaria@conquistasdarevolucao.pt
www.conquistasdarevolucao.pt

DEPÓSITO LEGAL 360191/13